

CASTAMAN, Aline. As particularidades da encenação elisabetana e jacobina: uma introdução sobre a prática teatral da companhia *King's Men* de Shakespeare. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; Mestrado; Orientador: Prof. Dr. Clóvis Dias Massa. Atriz e Pesquisadora.

RESUMO

Esta pesquisa visa elucidar algumas particularidades a respeito da encenação realizada no período elisabetano e jacobino, em especial sobre a prática teatral da companhia *King's Men*, na qual William Shakespeare fazia parte como ator, autor e sócio. Um dos aspectos significativos da era elisabetana e jacobina foi o desenvolvimento do teatro profissional. Atores que precisavam pertencer a uma companhia, companhias que precisavam possuir várias peças e fixá-las no repertório, dramaturgos que precisavam manter-se em evidência para continuar vendendo suas peças e claro, teatros que precisavam ter um número considerável de frequentadores para manter os pagamentos em dia e não correrem o risco de fechar. No final do século XVI, a companhia de Shakespeare distinguiu-se das demais por tornar-se proprietária de seu próprio local de apresentação, por seus membros serem atores e sócios e por ter o seu próprio dramaturgo, o qual foi também bastante sagaz no que diz respeito ao seu papel na companhia como homem de negócios. Esta pesquisa aprofunda os estudos relativos à prática cênica desta companhia ao abordar as especificidades relacionadas à questão funcional da organização do espetáculo através de perspectivas diversas de comentaristas e críticos do período em especial. Por esta razão, a metodologia que está sendo usada é de procedimento histórico a partir de um levantamento crítico sobre os elementos do espetáculo no período específico. A fundamentação abarca um estudo de dois campos: a) Estudos históricos sobre o período elisabetano e jacobino. Podem-se mencionar as obras de Stephen Greenblatt, Frank Kermode e James Shapiro. Estes estudos servem como contextualizadores para a pesquisa, concentrando-se nos aspectos extratextuais do contexto de época: sociedade, política, estética; b) O estudo das técnicas cênicas da época elisabetana e jacobina. Trata-se, aqui, de uma investigação sobre a performance no teatro *shakespeareano* mencionando particularmente os trabalhos de Andrew Gurr, B. L. Joseph, Ronald Watkins, Thomas Wright, John Bulwer, Sister Miriam Joseph, Stanley Wells, Mariko Ichikawa e E. K. Chambers, os quais são referências importantes na abordagem teórica deste trabalho. Investigar possíveis reconstituições a respeito das várias companhias, e da *King's Men* em particular, debruçando-se sobre estudiosos que recolheram materiais, evidências da prática cênica a partir da análise das peças e também do modo de vida próprio daquela época traz contribuições em relação às perspectivas do ator e do teatro elisabetano e jacobino como um todo.

Palavras-chave: William Shakespeare. Encenação. Companhia. Ator.

ABSTRACT

This research has the aim to elucidate some particularities regarding the staging performed in the Elizabethan and Jacobean period, particularly on the theatrical practice of the company *King's Men* in which William Shakespeare was an author, partner and actor. One of the significant aspects of the Elizabethan and Jacobean age was the professional development in the professional theatre. Actors who needed to belong to theatre companies, companies which needed to own several pieces and affix them in the repertoire, playwrights who had to remain in evidence to continue selling their plays, theaters that needed a considerable number of people in order to keep paying the bills and not running the risk of shutting down. At the end of the sixteenth century, Shakespeare's company distinguished itself from others by becoming the owner of its own place of presentation, its members being both partners and actors and have their own dramatist, which was also very keen on respect to its role in the company as a businessman. This research deepens the studies on the stagecraft of this company to approach the specificities associated to the functional concerns of the staging organization through several perspectives of commentators and reviewers from the particular period. Hence, a historical methodological procedure is being used from a critical survey of the staging elements in Elizabethan and Jacobean period. The grounds include a study of two fields: a) Historical studies on Elizabethan and Jacobean period. It may be mentioned the works of Stephen Greenblatt, Frank Kermode, James Shapiro. These studies serve as contextualized to the research focusing on the extratextual aspects of the period: society, politics and aesthetics; b) The study of the scenic techniques of the Elizabethan and Jacobean period. This is about an investigation into the performance in Shakespearean theater citing particularly the works of Andrew Gurr, B. L. Joseph, Ronald Watkins, Thomas Wright, John Bulwer, Sister Miriam Joseph, Stanley Wells, Mariko Ichikawa e E. K. Chambers, who are relevant references on the theoretical approach of this essay. To investigate possible reconstitutions about the various companies and the King's Men in particular, working on scholars who gathered material, evidences from the theatrical practice through the part's analyzes and also de lifestyle of that era bring forth contributions regarding to the perspectives of the actor and the Elizabethan and Jacobean theatre as a whole.

Keywords: William Shakespeare. Staging. Company. Actor.

A pesquisa foca a prática teatral do século XVI e XVII na cidade de Londres a partir de 1594, quando a The Admiral's e The Chamberlain's Men tornam-se as grandes referências em termos de companhias. Casas como o Theatre de Burbage e o Rose de Henslowe, empresários das companhias Chamberlain's e Admiral's Men, mantiveram-se sempre em disputa por audiência desde suas construções em 1586 e 1587, respectivamente. Theatre foi a primeira casa em Londres construída especialmente para apresentações cênicas, diferentemente do Rose que também sediava brigas de galos e ursos. Tanto Burbage quanto Henslowe eram empresários hábeis na arte do entretenimento, porém, havia outro empresário na época (1595) que se destacou pela sagacidade administrativa no que diz respeito à organização financeira e a relação contratual estabelecida com os atores. Francis Langley tornou-se conhecido por dirigir o Swan, teatro construído em 1595, e por estabelecer um acordo com a companhia Pembroke's para se apresentarem durante doze meses na

casa (GURR, 1992, p. 42). Tal faceta de Langley foi relatada por Thomas Heywood em seu Diário¹ e faz-se importante, pois era costume na época atores transitarem entre uma companhia e outra, e foi com relação a exatamente isso que Langley se destacou. De acordo com Gurr (1992, p. 42), dois atores da companhia Admiral's Men deixaram-na para pertencer à Pembroke's, acarretando, no fechamento do Rose em fevereiro de 1597 por três semanas. O acordo fechado com os atores da Pembroke's era um acordo formal e contratual que garantia a permanência dos atores na companhia, pelo menos durante o tempo estipulado. Assim, o contratante não corria o risco de perder seus atores causando o fechamento da casa. Mesmo que o fechamento fosse por dias ou semanas, encontrar atores para substituir era fastidioso. Eram inúmeros os papéis que eles representavam, cerca de 10 por semana, ao longo de uma vida haviam acumulado de 40 a 50 personagens. Henslowe e Burbage asseguravam que os atores não só ficassem por um curto período, mas por um tempo de contratação de até três anos.

Contrato assinado era sinônimo de proteção e segurança garantida aos atores. A “Lei de Punição de Vagabundos, Patifes e Pedintes Inveterados” de 1572 infligia a punição à força de pessoas que não trabalhassem e gozassem de boa saúde física e mental. Ou seja, vir a ser um “homem sem amo” perturbava o sono de qualquer ator sem trabalho. O ator poderia ser um sócio da companhia se comprasse ações, caso quisesse sair as venderia para os outros membros. Já o ator contratado recebia seu pagamento no fim de cada semana (GURR, 1992, p. 44). À medida que as companhias foram conquistando espaço os atores também iam se destacando paralelamente. Atores experientes, quase atletas e mestres da retórica tornavam a companhia mais interessante ao público, o que resultaria em lucro e estabilidade financeira.

As companhias de Henslowe e Burbage foram durante 25 anos as de maior destaque. No entanto, ao contrário de Henslowe, Burbage teve contratemplos financeiros que ameaçaram a continuidade da Chamberlain's Men por volta de 1596. Maus investimentos deixaram seus integrantes literalmente na rua. O período de arrendamento do espaço onde o Theatre estava alocado expiraria em abril de 1597, e o proprietário do terreno, hostil ao uso do lugar para apresentações cênicas, se negaria em renovar o contrato. Em novembro de 1596, Burbage investiu todo o dinheiro que tinha no Blackfriars, um teatro fechado no qual poderiam apresentar-se no inverno e temporariamente até encontrar um novo lugar. Mas infelizmente, o Conselho Privado, o Lorde Chamberlain e o novo protetor da companhia, Lorde Hunsdon, assinaram uma petição para impedir as apresentações, e por fim, “Burbage morreu dois meses antes do contrato do Theatre expirar com todo seu dinheiro preso numa casa inutilizável”² (GURR, 1992, p. 45). Por dois anos a companhia lutou para se manter, alugou espaços até juntar dinheiro suficiente para arrendar um novo terreno e construir o Globe, teatro que iria desbancar as outras casas da época. Apesar dos recursos financeiros para concluir a construção do Globe serem paupérrimos, os integrantes conseguiram contratar um empreiteiro para

¹ Heywood's Diary. Heywood era ator e dramaturgo.

² Burbage died two months before the Theatre's lease expired, with all his cash tied up in an unusable playhouse. (GURR, 1992, p. 45) Tradução da autora.

desmontar o Theatre e literalmente carregaram viga por viga até o outro lado do rio para erguer o Globe.

Sua construção foi baseada nos outros teatros da época para melhor atender as necessidades cênicas dos espetáculos e espectadores. A forma poligonal não se distinguia dos outros teatros que tinham plantas similares, mas a individualidade de alguns elementos anteriormente impensáveis tornou o Globe um lugar bastante frequentado no período de sua duração (1599-1642) e de superior qualidade. “A localização do seu palco foi definida com base na incidência do sol à tarde, os alçapões, o balcão, o maquinário especial para as descidas, os bastidores, as passagens para entradas e saídas de cena”, como infere Shapiro (2010, p. 136) produziam um melhor efeito nas cenas encantando os espectadores. Além disso, a Chamberlain’s Men era uma companhia formada com os melhores atores de sua época e tinha como dramaturgo um homem que escrevia em virtude da competência e habilidade destes atores. Essa pequena empresa de negócios tinha 50% de ações divididas entre os irmãos Burbage, os outros 50% ficaram entre os cinco atores, 10% cada: Heminges, Kemp, Phillips, Pope e Shakespeare. Ao total, entre sócios e contratados, a companhia manteve o número de doze integrantes ao longo de sua história.

Quando da construção do Globe em 1599, o universo competitivo para manter os teatros cheios, pois oscilavam entre 200 e 3.000 espectadores, exigia, antes de qualquer coisa, distinguir-se das outras casas. A única maneira era encontrar algo que até então não era comum: ter um dramaturgo exclusivo para a companhia. Havia diversos dramaturgos nesse período, nomes como: Ben Johnson, Thomas Kyd, Christopher Marlowe, Thomas Heywood, Robert Greene. Tais dramaturgos vendiam suas peças para diversas companhias e teatros. Quanto mais repercussão elas tinham, mais tempo elas permaneceriam no repertório. Caso uma ou outra peça não agradasse o público ela seria substituída, e talvez, 10 anos mais tarde voltaria a ser apresentada. A maioria dos dramaturgos escrevia com colaboradores, assim produziram mais e continuariam em evidência. Thomas Heywood clamava ter escrito mais de 220 peças. Muitas delas, como dos outros autores citados, faziam parte do repertório da companhia de Shakespeare. Mas seu trabalho era solitário, tendo uma produção de duas peças por ano. Shakespeare não tinha muito tempo livre. As manhãs eram tomadas por ensaios e preparativos, à tarde o espetáculo começava às 15 horas com duração de duas a duas horas e meia no máximo para logo em seguida outro espetáculo subir ao palco. À noite, pequenas reuniões decidiram os afazeres do dia seguinte. O restante do tempo Shakespeare ficava absorto em suas escrituras e leituras. Segundo Greenblatt (2004, p. 365), ele teria de inspecionar os lucros e gastos, reescrever algumas cenas, ajudar com o elenco, influenciar nas decisões relativas à interpretação, deliberar sobre os acessórios, figurinos e música e é claro, decorar suas falas.

The Chamberlain’s Men além de ser uma companhia bastante organizada, tinha atores experientes e um dramaturgo que encantava a plateia pela complexidade de conteúdo e forma. A qualidade das peças e dos espetáculos abriu espaço para diversos convites de apresentação na corte — o que

significava uma grande honra para qualquer companhia. Em 1603, a companhia de Shakespeare torna-se oficialmente The King's Men, a companhia de James I. Nenhuma outra companhia teve tanto sucesso quanto ela. E mesmo no apogeu de sua história, viajavam para se apresentarem em outros lugares, "Oxford in May and June 1604; Barnstaple and Oxford again in 1605; Oxford, Leicester, Dover, Saffron Walden, Maidstone, and Marlborough in 1606" (GREENBLATT, 2004, p. 365). Mesmo com a alta remuneração das apresentações na corte, a rotina exaustiva do Globe no qual eles tinham que montar produções complexas de um dia para o outro, a King's Men mantinha-se trabalhando, enchendo os bolsos e almejando conquistar outro espaço. Richard Burbage, o grande ator trágico da companhia e filho de James Burbage, mostrou-se um engenhoso empresário a ponto de reabrir o Blackfriars com sete sócios em equivalência de ações no qual Shakespeare participaria estrategicamente mantendo-se ocupado até aposentar-se e voltar para Stratford-upon-Avon com a família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GREENBLATT, Stephen. **Will in the World: how Shakespeare became Shakespeare**. New York: Norton & Company, 2004.
- GURR, Andrew. **The Shakespearean Stage, 1574-1642** – 3rd ed. Cambridge University Press, 1992.
- SHAPIRO, James S. **1599: Um ano na vida de William Shakespeare**. Tradução Cordélia Magalhães e Marcelo Musa Cavallari. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.